

# Desânimo na construção

por Raquel Balarin  
de São Paulo

Pela primeira vez em muitos anos, o assunto eleições parece não estar animando as empreiteiras. Recém-saídas de um ano em que as obras públicas foram praticamente paralisadas e as dívidas dos governos só cresceram, as empreiteiras esperam para 1996 pouca atividade decorrente da corrida à sucessão municipal.

"As obras de maior porte já foram iniciadas ou recomeçadas. Restam apenas pequenas obras ou pavimentações. As eleições não terão tanto impacto neste ano", diz Paulo Godoy, presidente da Associação Paulista dos Empresários de Obras Públicas (Apeop). Segundo Godoy, as expectativas do setor em relação a um novo governante também hoje são diferentes. "Antes, perguntaríamos ao

candidato que obras ele pretendia fazer. Agora, estamos interessados em saber as concessões que pretende realizar e quais os ativos que deve vender".

Ao mesmo tempo que as empreiteiras reduziram suas expectativas em relação às obras "eleitoreiras", aumentaram seu interesse nas concessões que, para os empresários, poderá vir a cobrir a falta de investimentos públicos. De acordo com pesquisa da Apeop, 84% das empresas estão interessadas em projetos de concessão de serviços e obras públicas e 43% delas já estão engajadas ou estudando algum projeto de concessão. Mas, também neste ponto, os empreiteiros não esperam muito de 1996. "Faltam recursos que viabilizem o financiamento dos projetos", afirma um técnico do Sindicato da Indústria

da Construção Civil do Estado de São Paulo (Sinduscon-SP). Uma das bandeiras dos empresários de obras públicas neste ano será a de transformar os créditos a receber do governo estadual em títulos que possam ser utilizados nas concessões onerosas.

No segmento residencial, as expectativas são mais otimistas. Depois de amargar uma retração de 20% nas vendas de imóveis novos em São Paulo em 1995, as construtoras projetam crescimento para este ano. "Com a estabilidade econômica e a provável queda nas taxas de juros, os ativos reais vão se valorizar e deverão aumentar os investimentos em imóveis", afirma Ricardo Yazbek, presidente do Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo.